

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

REBECA OLIVEIRA CALADO

EDUCAÇÃO PARA A CIDADANIA GLOBAL: UMA ANÁLISE A PARTIR DA
PERSPECTIVA DA UNESCO

Rio de Janeiro
2023

Rebeca Oliveira Calado

Educação para a Cidadania Global: uma análise a partir da perspectiva da UNESCO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do grau em Licenciatura Plena em Pedagogia.

Orientadora: Prof^ª Dr^ª Ana Lúcia Cunha Fernandes

Rio de Janeiro

2023

REBECA OLIVEIRA CALADO

**EDUCAÇÃO PARA A CIDADANIA GLOBAL: UMA ANÁLISE A PARTIR DA
PERSPECTIVA DA UNESCO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do grau em Licenciatura Plena em Pedagogia.

Aprovado em:

BANCA EXAMINADORA

Orientadora: Prof^ª Dr^ª Ana Lúcia Cunha Fernandes

Prof^ª Dr^ª Libania Nacif Xavier

Prof^ª Dr^ª Silvina Julia Fernández

Para minha família - por sonharem junto comigo.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por ter me sustentado até aqui, por tornar esse sonho realidade e cuidar de todos os detalhes. Se eu consegui concluir esta etapa é graças a Ele.

À minha mãe Dircelene, por sempre me apoiar, incentivar e estar presente nessa caminhada. Por acreditar no meu potencial e sempre me lembrar disso. Todas as conversas, escuta e palavras de apoio me ajudaram a concluir mais esta etapa.

Ao meu pai Sergio, por acreditar em mim e me apoiar. Suas palavras de incentivo foram essenciais para que eu continuasse a buscar meus objetivos.

Ao meu irmão Mateus, obrigada por todos os anos de companheirismo, apoio e risadas. Mesmo comendo todos os docinhos que eu guardei na geladeira para depois e me estressando, sua presença foi essencial nessa caminhada!

À minha cunhada Laryssa, obrigada pela parceria e apoio nesses anos de graduação, e claro, por todos os doces e sobremesas que me deu!

Às minhas amigas Ana Lucia, Liliane Taís. Obrigada por toda a ajuda durante essa caminhada acadêmica. Obrigada pelas risadas, passeios e conversas que tornaram esse momento mais leve.

À minha orientadora, professora Ana Lúcia Cunha Fernandes, obrigada por aceitar me orientar e fazer isso de maneira tão dedicada e atenciosa. Obrigada por todo conhecimento compartilhado e apoio durante este processo.

Obrigada a todos que de alguma maneira contribuíram para este momento e me ajudaram a chegar até aqui.

“Nunca duvide que um pequeno grupo de cidadãos conscientes e comprometidos pode mudar o mundo. Na verdade, só assim o mundo alguma vez mudou.”

- Margaret Mead

RESUMO

O presente trabalho de conclusão de curso se deu a partir da curiosidade sobre a educação para cidadania global (ECG) na perspectiva da UNESCO. Para compreender o assunto, foi usado como base o relatório “Educação para cidadania global: preparando alunos para os desafios do século XXI”, publicado pela Agência em 2015. No capítulo 1 são abordadas questões relativas à ECG, com o objetivo de aprofundar o tema e ter uma melhor percepção sobre o assunto. No capítulo 2 é debatido como a escola pode utilizar essa “abordagem”, trazendo exemplos de práticas que possuem valores preconizados pela ECG. No capítulo 3 são compartilhados e analisados os resultados de um questionário anônimo respondido por educadores a respeito de suas atuações na escola e o conhecimento a respeito da educação para a cidadania global, com o intuito de compreender se ela está presente na escola, seja de forma direta ou indireta.

Palavras-chave: Globalização, Educação para a Cidadania Global, Cidadão Global.

ABSTRACT

This course completion work was based on curiosity about education for global citizenship (GCE) from the perspective of UNESCO. To understand the subject, the report “Education for global citizenship: preparing students for the challenges of the 21st century”, published by the Agency in 2015, was used as a basis. In chapter 1, issues related to the GCE are addressed, with the aim of deepening the theme and having a better perception of the subject. In chapter 2, it is discussed how the school can use this “approach”, bringing examples of practices that have values advocated by the GCE. In chapter 3, the results of an anonymous questionnaire answered by educators about their practices at school and knowledge about education for global citizenship are shared and analyzed, with the aim of understanding whether it is present at school, directly or indirectly.

Keywords: Globalization, Education for Global Citizenship, Global Citizen.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Foto 1: Bandeiras - arquivo pessoal

Foto 2: Representação das pessoas - arquivo pessoal

Foto 3: Palavras - arquivo pessoal

Foto 4: Brasil - arquivo pessoal

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Instituição em que trabalha.

Gráfico 2: Contagem de onde se localiza a instituição.

Gráfico 3: Contagem de área de atuação.

Gráfico 4: Contagem de alguma vez tomou conhecimento do documento “educação para cidadania global” produzido pela UNESCO?

Gráfico 5: Contagem de conhece algum outro documento ou relatório sobre educação publicado pela UNESCO?

Gráfico 6: Contagem de costuma trabalhar com os alunos temas globais atuais?

Gráfico 7: Contagem de utiliza para as suas aulas algum documento ou material da UNESCO sobre cidadania global?

Gráfico 8: Contagem de você frequentou.

Gráfico 9: Contagem de contato com o conteúdo.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Dimensões da ECG

Quadro 2 - De que maneira trabalham os temas.

Quadro 3 - Como trabalham desenvolvimento da autoestima, pensamento crítico e criatividade dos estudantes.

Quadro 4 - Acredita que a sua formação o preparou para abordar essas questões?

Quadro 5 - Comentários dos entrevistados.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AGEE - Agenda Globalmente Estruturada para a Educação

CEMC - Cultura Educacional Mundial Comum

ECG - Educação para a Cidadania Global

MEC - Ministério da Educação

OCDE - Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico

ONU - Organização das Nações Unidas

PISA - Programa Internacional de Avaliação de Alunos

UNESCO - Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

SUMÁRIO

Introdução	14
Metodologia	15
Capítulo 1 Globalização, Educação e a UNESCO	
1.1. Globalização e Educação	18
1.2. UNESCO: breve histórico e documentos publicados.....	20
1.2.1. Relatório “Educação: um tesouro a descobrir”	21
1.2.2. Relatório “Reimaginar nossos futuros juntos: um novo contrato social para a educação”	24
Capítulo 2 Educação para a Cidadania Global	
2.1. Educação Global	26
2.2. Perfil do cidadão global	29
2.3. Críticas à Educação para a Cidadania Global	30
2.4. Qual o papel da escola na cidadania global?	32
2.5. Um exemplo pessoal	34
Capítulo 3 Educação para a Cidadania Global na escola	
3.1. Elaboração do questionário	37
3.2. Análise das respostas ao questionário	37
Considerações Finais	50

INTRODUÇÃO

Vivemos em um mundo totalmente interconectado. Ao longo dos anos essa conexão vai ficando cada vez mais evidente, nos fazendo entender que nossas ações têm impactos maiores do que imaginamos. Pensamos que apenas o local em que vivemos sofre, ou ganha, com nossas atitudes, mas a verdade é que podemos atingir outros espaços distantes sem ao menos ter a noção de nossa responsabilidade.

Há algum tempo, o termo “cidadania global” vem se popularizando e com isto também a ideia de um “cidadão global”. No ano de 2013, a UNESCO realizou 2 eventos para discutir o assunto e ajudar na compreensão do que seria uma educação para a cidadania global (ECG). Também foi publicado um documento “Educação para cidadania global: preparando alunos para os desafios do século XXI” (2015) com a finalidade de entender os limites e as possibilidades de uma educação voltada para a formação de cidadãos globais, juntamente com o intuito de orientar pessoas que atuam na área da educação acerca do tema.

Ao analisar as publicações da UNESCO ao longo dos anos é possível notar que muitas preocupações e apontamentos permanecem no foco de atenção da Agência, às vezes com outro nome. A educação para a cidadania global é um desses assuntos que estão sempre em discussão nos documentos, mas com outras maneiras de nomear.

Quando ouvi a expressão “cidadão do mundo” pela primeira vez estava em uma aula de inglês. Na época, nos explicaram que isso significava ser um sujeito proativo, preocupado com o meio ambiente, buscando soluções para os problemas do mundo. No ano de 2022, durante as aulas da disciplina de Educação Comparada, enquanto conversávamos sobre o tema “escolas inovadoras”, este termo reapareceu em um dos vídeos que assistimos. Percebi naquele momento que não se tratava de um tópico restrito a uma aula de inglês que tive. Longe disso. Era algo que eu poderia associar com a pedagogia e trazer para o meu trabalho final. A partir daí compreendi que a escola pode ter um papel significativo na formação das pessoas que estão em busca de tornar o mundo um lugar melhor para as futuras gerações. Assim surgiu o tema deste trabalho de conclusão de curso.

Tive interesse em pesquisar essa temática pois, apesar de ter escutado sobre esse assunto algumas vezes, era sempre de uma forma superficial. Quis descobrir o que de fato significa ser um cidadão do mundo e também como a área da educação se relaciona com este tema. Me vi refletindo a respeito da minha trajetória escolar e questionando se eu tive uma formação que me proporcionou enxergar importância nas minhas atitudes, bem como a

capacidade de idealizar e colocar em prática projetos. Tudo isso despertou a vontade de compreender mais sobre o assunto e apresentá-lo a quem não conhece.

É também importante entender como a globalização atua e influencia neste tópico, visto que uma cidadania global só faz sentido a partir das trocas que ocorrem para além das fronteiras nacionais. Assim, este trabalho busca compreender o conceito de educação para a cidadania global na perspectiva da UNESCO, de que maneira a ECG aparece nas escolas, o que caracteriza um cidadão global e o que os educadores (professores, estagiários, coordenadores) conhecem a respeito da educação para a cidadania global. Para isso foi realizada uma pesquisa bibliográfica em livros, artigos e vídeos disponíveis na internet. Também foi feita uma pesquisa documental nos documentos da UNESCO que tratam sobre o tema. Tudo isso sob a perspectiva dos estudos comparados. Ademais, foi realizado um questionário com educadores que atuam nas escolas para tentar compreender se a ECG está presente no dia-a-dia dos estudantes brasileiros, seja de maneira direta ou indireta.

Justifica-se pesquisar este tema, pois a educação para cidadania global é um assunto cada vez mais recorrente na área da educação e o perfil de pessoas proativas, que saibam resolver problemas, saibam trabalhar em equipe e sejam criativas está sendo cada vez mais valorizado, ou seja, o perfil de um cidadão global.

METODOLOGIA

Tendo em vista que a ideia de pesquisar este tema partiu das aulas da disciplina de Educação Comparada, é justo que a perspectiva de análise utilizada seja esta. Apesar de não ser muito comum, é uma forma potente de investigar assuntos educacionais, capaz de proporcionar uma ampliação do olhar sobre os assuntos pesquisados.

A educação comparada teve um início com bastante popularidade entre os séculos XIX e XX, entretanto passou por um período de esquecimento, inclusive nos currículos de cursos de formação de professores. É recente a revalorização destes estudos comparativos, no entanto sua importância não deixou de existir, como expressou Carvalho (2013) apoiada nas falas de Bonitatibus (1989):

se trata de um relevante campo de estudo, um instrumento importante de conhecimento e de análise de nossa realidade educativa: “sempre que tomamos nossa própria cultura como único ponto de referência, tendemos a centrar nela todas as nossas reflexões, deixando de considerar aspectos e dimensões que apenas uma visão mais abrangente e diferenciada pode nos assegurar”. O “conhecimento de si mesmo nascido do confronto com o outro” alarga nosso campo de visão, transformando-se num instrumento

bastante propício para o conhecimento mais fecundo de nossa própria realidade educacional. (Carvalho, 2013, p. 430 e 431)

A educação comparada possui uma diversidade de abordagens que possibilitam diferentes maneiras de investigação. Este campo é propício para compreender como as tendências globais se encaixam no âmbito nacional. Como foi dito pela autora Ana Lúcia Cunha Fernandes:

Enquanto que muitas das disciplinas têm o seu enquadramento a partir de uma perspectiva nacional, a Educação Comparada, sobretudo em suas vertentes teóricas mais recentes, procura explorar justamente a dimensão internacional, ou, melhor dizendo, trans (para além de) nacional dos fenômenos educativos, contribuindo para a compreensão da influência dos elementos internacionais na elaboração das políticas educativas nacionais, entre outros aspectos. (Fernandes, 2017, p. 253)

Visto que a UNESCO é uma organização internacional que tem forte influência nas políticas educacionais, faz-se necessário olhar para além das fronteiras nacionais quando tratamos de seus estudos. É pensando na possibilidade de novos olhares sobre o tema da educação para cidadania global, onde se possa construir e agregar ao nosso cotidiano e realidade brasileira, que esta metodologia se encaixa. Não buscando reproduzir mecanicamente outros modelos, mas ampliar as vivências e refletir como podemos utilizar essas novas ideias em nosso contexto.

Foi realizada uma revisão bibliográfica em artigos relacionados ao tema pesquisado através dos buscadores Google Acadêmico e SciELO. Palavras-chave como: “educação”, “cidadania” e “global” foram utilizadas a fim de encontrar textos que abordassem essa temática. A revisão de bibliografia consiste na pesquisa de materiais sobre o tema que foram produzidos até o momento atual, não sendo uma mera repetição do que já foi dito ou escrito, mas uma possibilidade de trazer uma nova perspectiva com base em outros autores e assim obter novos resultados (LAKATOS; MARCONI, 2003).

Outra maneira de compreender o assunto foi através da pesquisa documental, a qual de acordo com Lakatos e Marconi (2003, p. 62) “a fonte de coleta de dados está restrita a documentos, escritos ou não, constituindo o que se denomina de fontes primárias”, em arquivos audiovisuais disponíveis na internet, documentos elaborados por ONGs e agências como a UNESCO e um relato de experiência pessoal ilustrado através de texto e fotografias.

Além disso, foi elaborado um questionário que, de acordo com Lakatos e Marconi (2003, p. 98) é um “instrumento de coleta de dados constituído por uma série ordenada de perguntas, que devem ser respondidas por escrito e sem a presença do entrevistador” ,

utilizando a plataforma do Google Forms, a fim de compreender se esse assunto é de conhecimento dos educadores e como ele é percebido na vivência deles. O critério utilizado para a escolha de quem responderia ao questionário foi o de atuar em escolas, não importando a função desempenhada, desde que tivesse contato direto com as práticas realizadas pelos estudantes. Se tratando de um questionário virtual, a presença física do entrevistador foi dispensada. O questionário se deu através de 3 seções, totalizando 14 perguntas, sendo 4 perguntas abertas e 10 perguntas fechadas.

CAPÍTULO 1 - GLOBALIZAÇÃO, EDUCAÇÃO E A UNESCO

1.1. GLOBALIZAÇÃO E EDUCAÇÃO

Vivemos em um mundo globalizado e, apesar deste ser um termo recorrente, pouco se discute sobre o seu significado polissêmico. Se o termo em si não é compreendido por completo, tampouco podemos entender o que é viver em um mundo globalizado e seus impactos na vida da população.

Alguns autores defendem a ideia de que a globalização é tanto um discurso como também é um processo. Possuindo diversas formas de entender, dependendo do ponto de vista que é abordado. Dale (2004), ao tentar compreender a globalização e a educação, realiza a análise de duas abordagens, a “cultura educacional mundial comum” (CEMC) e a “agenda globalmente estruturada para a educação” (AGEE). Cada uma possui sua compreensão a respeito do tema. Enquanto a CEMC percebe a globalização como um reflexo da cultura ocidental, a qual desempenha um papel hegemônico que não abre espaço para expressões individuais, a AGEE entende que a economia tem relação direta neste tópico, tendo como foco a organização da economia global.

Castro e Pineda (2015) afirmam que “a globalização é um conceito que diz respeito ao âmbito global, ou seja, a internacionalização de práticas, costumes, ideologias, tecnologias, teorias, produto da inter-relação das sociedades graças às viagens, comércio, migração, ciência e tecnologia.” Essa percepção sobre a globalização, a meu ver, focaliza as atenções em uma perspectiva de trocas entre as diferentes culturas existentes no mundo, o que de fato acontece. Por outro lado, será que todas as identidades culturais possuem espaço para se expressar no mundo de maneira a expandir seu conhecimento?

Em um texto do autor Stuart Hall, a partir das ideias apresentadas por Anthony McGrew e Anthony Giddens, sobre o fenômeno da globalização é explicitado que:

a "globalização" se refere àqueles processos, atuantes numa escala global, que atravessam fronteiras nacionais, integrando e conectando comunidades e organizações em novas combinações de espaço-tempo, tornando o mundo, em realidade e em experiência, mais interconectado. A globalização implica um movimento de distanciamento da ideia sociológica clássica da "sociedade" como um sistema bem delimitado e sua substituição por uma perspectiva que se concentra na forma como a vida social está ordenada ao longo do tempo e do espaço" (Hall, 2006, p. 67 e 68)

Esse outro ponto de vista sobre a globalização me faz pensar que as conexões entre os diferentes lugares do globo são cada vez mais comuns e inevitáveis. Elas trazem uma sensação de familiaridade entre culturas, à primeira vista, tão diferentes umas das outras e até mesmo de identificação. Algo que talvez só seja possível por conta desse acontecimento chamado globalização. É evidente que esse é apenas um ponto de análise, mas também existem riscos envolvidos nessas trocas, como por exemplo a sobreposição de uma cultura sobre a outra e a perda de identidade.

Muitas são as possibilidades de discussão sobre o tema da globalização, entretanto o foco deste trabalho não é esgotar os debates sobre esse assunto, mas sim trazer a perspectiva de que somos constantemente influenciados por elementos de nossa própria cultura e também de outras culturas diferentes da nossa. Sendo assim, a partir dos pontos de vista apresentados, pode-se inferir que dependendo da forma de analisar o fenômeno, diferentes compreensões surgirão.

É evidente a influência que a globalização tem em diversas áreas, a educação não é exceção. Ideias que vem de fora das fronteiras nacionais são diariamente colocadas em prática nas escolas. Ao analisarmos o currículo também iremos perceber a presença de conteúdos relativos a outras culturas. Nesse sentido, pode-se questionar até que ponto essa influência interfere em nossas atividades.

Durante as aulas que tive na disciplina de Educação Comparada, pude observar um modelo de organização que deixa evidente o quanto a escola recebe influência de diferentes lugares. O esquema mostrava a escola, que recebe influência da comunidade em que se localiza, dentro de uma esfera municipal, que respectivamente está dentro de um sistema Federal, que finalmente se encontra dentro de um sistema mundial. Todas essas forças atuando e formando aquilo que conhecemos como escola e educação.

É evidente que devido aos aspectos singulares nenhuma escola vai ser igual a outra, mas é importante compreender que não estamos sofrendo uma “intervenção” apenas do nosso local e redondezas, mas sim de todo um planeta que está ligado através dos mais variados caminhos. Todas essas variáveis cooperam para que tenhamos a escola no formato em que a conhecemos hoje.

Falando em influências externas, temos exemplos de organizações, como a UNESCO, que atua diretamente na produção de materiais e conteúdos educacionais. Essas produções tem o intuito de ajudar na busca por caminhos que promovam uma educação de qualidade em todo o mundo. É nesse contexto de diferentes locais interconectados, com pessoas que atuam e influenciam no globo, que surge a ideia de uma cidadania global.

1.2. UNESCO: BREVE HISTÓRICO E DOCUMENTOS PUBLICADOS

A Organização das Nações Unidas para Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) é uma iniciativa criada pela Organização das Nações Unidas (ONU), em 1945, num momento de pós-guerra, que tem por objetivo garantir a paz por meio da cooperação entre os países membros. Em sua constituição está a conhecida citação “since the war began in the minds of men and women, it is in the minds of men and women that the defenses of peace must be constructed”¹, a qual deixa evidente que a principal busca da agência é pela paz.

No site oficial da UNESCO é possível aprofundar o conhecimento acerca das origens desse projeto. Descrevendo de forma resumida, em 1942 durante a guerra, países europeus se reuniram no Reino Unido para a realização de uma conferência a fim de debater meios de reconstruir os sistemas educacionais uma vez que a guerra chegasse ao fim. Com o passar do tempo, países de outros continentes decidiram se unir a tal iniciativa que tinha por objetivo evitar novos conflitos. Dessa maneira, fica evidente a busca da agência pela paz duradoura por meio de ferramentas educacionais que proporcionam a construção de um cidadão global.

A UNESCO tem como campo de atuação as áreas da Educação, Ciência, Cultura, Comunicação e Informação. Cada país membro possui uma sede da agência. No Brasil ela está localizada em Brasília, tendo sido fundada em 1972, mas com representação desde 1964. O maior objetivo da agência é proporcionar uma educação de qualidade para todos, como está explícito no site do Ministério da Educação (MEC):

a principal diretriz da UNESCO é auxiliar os países membros a atingir as metas de Educação para Todos, promovendo o acesso e a qualidade da educação em todos os níveis e modalidades, incluindo a educação de jovens e adultos. Para isso, a Organização desenvolve ações direcionadas ao fortalecimento das capacidades nacionais, além de prover acompanhamento técnico e apoio à implementação de políticas nacionais de educação, tendo sempre como foco a relevância da educação como valor estratégico para o desenvolvimento social e econômico dos países.

Por muitos anos a UNESCO teve forte influência sobre as direções e decisões tomadas pelos países membros mas, com o passar do tempo e a mudança de objetivos e metas dos países, que direcionaram seus esforços mais intensamente para o aspecto econômico, a agência foi perdendo espaço para outros agentes como a OCDE (Organização para a

¹ Em Tradução livre: Visto que a guerra começa na mente dos homens e mulheres, é na mente dos homens e mulheres que as defesas da paz devem ser construídas.

Cooperação e Desenvolvimento Econômico), que prioriza questões econômicas, mas que também influencia fortemente as políticas educacionais por meio do PISA².

Apesar desta realidade, a UNESCO ainda possui sua relevância, principalmente no que diz respeito à educação. A Agência atua fortemente nesta área, realizando ações em busca de uma educação de qualidade. Não apenas na elaboração de ideias e projetos, mas também na execução e concretização do que é planejado. No Brasil ela teve um papel de grande importância na escolarização dos brasileiros, fazendo pressão para que os governantes oferecessem uma educação de qualidade para todos os cidadãos.

Além disso, a UNESCO produz documentos e estudos que podem contribuir de forma significativa no campo educacional. É com base no documento “Educação para cidadania global: preparando alunos para os desafios do século XXI” que este presente trabalho se desenvolve e busca compreender de que maneira a educação para cidadania global pode se praticar no território brasileiro.

Apesar de se debruçar sobre essa publicação da UNESCO específica, é importante observar e traçar semelhanças de assuntos que foram abordados ao longo dos anos, e assim, perceber o que mudou e o que permanece até os dias atuais no campo de preocupações da Agência. Publicações anteriores a esta, a que tem por base a ECG, já traziam ideias e preocupações semelhantes, ou exatamente iguais, em um discurso diferente. É interessante perceber como ao longo dos anos tais ideias se modificam, mas ao mesmo tempo, não perdem sua essência.

1.2.1. Relatório “Educação: um tesouro a descobrir”

O relatório “Educação: um tesouro a descobrir” é uma publicação da UNESCO de 2010, escrita pela Comissão Internacional sobre a Educação para o século XXI e presidido por Jacques Delors. A partir do objetivo de debater o tema da educação e suas possibilidades, a publicação nos traz um apanhado de informações e mostra ideais presentes no imaginário da Organização que permanecem até os dias atuais.

² O Programa Internacional de Avaliação de Estudantes (Pisa), tradução de *Programme for International Student Assessment*, é um estudo comparativo internacional realizado a cada três anos pela Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE). O Pisa oferece informações sobre o desempenho dos estudantes na faixa etária dos 15 anos, idade em que se pressupõe o término da escolaridade básica obrigatória na maioria dos países, vinculando dados sobre seus *backgrounds* e suas atitudes em relação à aprendizagem, e também aos principais fatores que moldam sua aprendizagem, dentro e fora da escola. (BRASIL, Ministério da Educação, <https://www.gov.br/inep/pt-br/areas-de-atuacao/avaliacao-e-exames-educacionais/pisa>)

É evidente que a busca pela paz é o grande objetivo traçado pela UNESCO. Entretanto, é reconhecido pelos colaboradores da Comissão que desenvolveu o relatório anteriormente citado, que a educação é mais um caminho entre outros possíveis. Para nós que buscamos trilhar essa rota, é interessante entender suas nuances, possibilidades e limitações.

Falar da busca pela paz suscita falar do convívio entre as pessoas. Tal ação inevitavelmente irá trazer discordâncias e conflitos, mas o problema existe quando não se sabe respeitar a posição do outro e partimos para a violência. Essa questão é levantada no relatório quando expressam:

“como aprender a conviver nesta aldeia global, se somos incapazes de viver em paz nas comunidades naturais a que pertencemos: nação, região, cidade, aldeia, vizinhança? A questão central da democracia é saber se desejamos e somos capazes de participar da vida em comunidade; convém não esquecer que esse desejo depende do sentido da responsabilidade de cada um.” (DELORS, p. 7-8, 2010)

Que responsabilidade individual é essa de que tanto falam? Certamente não conseguiremos mudar o mundo e solucionar seus problemas sozinhos. Mas o ponto que quero tocar é essa percepção de si como um sujeito que tem sim responsabilidades com o local em que vive, capaz de contagiar os outros a fim de adquirirem atitudes que fazem a diferença na convivência, na busca pela paz e na diminuição de desigualdades. A percepção de si como um cidadão que é protagonista, não no sentido de ter as atenções voltadas para si mesmo, mas capaz de inspirar as pessoas e traçar novos caminhos, metas e soluções para os problemas latentes no mundo.

Outro ponto abordado pela Comissão no relatório é a educação que se faz ao longo da vida. Delors et al (2010) apontam que em documentos anteriores já se falava da necessidade de retorno à escola para lidar com as mudanças da sociedade tanto na esfera privada quanto profissional. Ao comparar os relatórios até aqui citados é possível perceber que a ECG também é vista como uma educação que não termina ao fim da escola, mas se faz ao longo da vida.

A Comissão tem quatro princípios que são a base para a análise da educação ao longo da vida: *aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a conviver e aprender a ser*. Ao fazer uma análise, percebe-se que esses pilares estão presentes em diversas publicações da UNESCO, ainda que com uma “roupagem” diferente. A Comissão definiu cada um deles, sendo assim possível compreender a ideia que trazem consigo.

De acordo com o relatório aprender a conhecer é necessário para que as pessoas possam “beneficiar-se das oportunidades oferecidas pela educação ao longo da vida”.

Aprender a fazer é necessário para que as pessoas estejam aptas a trabalhar em equipe e lidar com as mais diversas situações apresentadas. Aprender a conviver para entender que somos dependentes uns dos outros, lidar com os conflitos e promover a paz. (DELORS et al, p. 31, 2010). E por fim, aprender a ser para:

“desenvolver, o melhor possível, a personalidade e estar em condições de agir com uma capacidade cada vez maior de autonomia, discernimento e responsabilidade pessoal. Com essa finalidade, a educação deve levar em consideração todas as potencialidades de cada indivíduo: memória, raciocínio, sentido estético, capacidades físicas, aptidão para comunicar-se.” (DELORS et al, p. 31, 2010)

A Comissão chama a atenção ainda para o fato de que os sistemas educacionais priorizam apenas o aspecto cognitivo, ou seja, adquirir conhecimentos, enquanto existem outras possibilidades de aprendizagem. Isso me faz pensar que anos se passam, mas a preocupação pelo acúmulo de informações permanece, e com qual objetivo? Somos ensinados desde muito cedo que é preciso decorar, guardar pedaços de informação, calcular, contar e ordenar. Entretanto, será que somos ensinados, na mesma proporção, a importância de pensar criticamente, sermos criativos e flexíveis?

Jorge Larrosa (2002) afirmou que “uma sociedade constituída sob o signo da informação é uma sociedade na qual a experiência é impossível.” Ao longo de seu texto ele explica o porquê de não termos experiências nos dias atuais. O autor foi além ao dizer que:

o sujeito moderno é um sujeito informado que, além disso, opina. É alguém que tem uma opinião supostamente pessoal e supostamente própria e, às vezes, supostamente crítica sobre tudo o que se passa, sobre tudo aquilo de que tem informação. Para nós, a opinião, como a informação, converteu-se em um imperativo. Em nossa arrogância, passamos a vida opinando sobre qualquer coisa sobre que nos sentimos informados. E se alguém não tem opinião, se não tem uma posição própria sobre o que se passa, se não tem um julgamento preparado sobre qualquer coisa que se lhe apresenta, sente-se em falso, como se lhe faltasse algo essencial. E pensa que tem de ter uma opinião. Depois da informação, vem a opinião. No entanto, a obsessão pela opinião também anula nossas possibilidades de experiência, também faz com que nada nos aconteça. (LARROSA, p.22, 2002)

Ao ler essas palavras consigo fazer conexões com a realidade, mas principalmente com o campo educacional. Por muitas vezes somos incentivados a obter a informação e conseqüentemente uma opinião. E o sentimento que surge caso não consiga realizar essa ação é o da falta. Falta de estudo, dedicação, empenho ou o que quer que seja que impossibilite esse “imperativo”, como Larrosa nomeou. Entendo a importância da informação, a intenção

não é torná-la algo descartável, mas refletir sobre o que temos feito dela. A questão que me ocorre é como fazer com que a educação não se torne uma troca de informações mecanizada, mas sim algo que nos trará verdadeiras experiências e reflexões, que tocará a vida de cada um que entrar em contato com ela e possibilitar novos caminhos e perspectivas?

1.2.2. Relatório “Reimaginar nossos futuros juntos: um novo contrato social para a educação”

O relatório “Reimaginar nossos futuros juntos: um novo contrato social para a educação” é recente, publicado em 2022 e desenvolvido pela Comissão Internacional sobre os Futuros da Educação, presidido por Sahle-Work Zewde. Nesta publicação é reconhecido que diversas iniciativas educacionais ao longo dos anos não obtiveram o resultado esperado, e assim a necessidade de buscar caminhos eficazes para o alcance da paz, equidade, sustentabilidade e um futuro melhor, diferente do qual para onde estamos indo. Desenvolvido durante 2 anos, o relatório é resultado de uma busca incansável, a nível de consulta global, por um novo contrato social para a educação.

É apontado no relatório a necessidade de reimaginar as abordagens pedagógicas, pois de acordo com os autores “precisamos de pedagogias que nos ajudem a aprender no e com o mundo e a melhorá-lo.” (UNESCO, p.49, 2022) Também é sublinhada a importância de compreendermos o que compartilhamos junto a outras pessoas e nossa interdependência. Acredito que buscar novas abordagens pedagógicas abre espaço para incluirmos aquilo que é novo, ou que se tornou necessário pensar a respeito, visto que vivemos em um mundo em constante mudança, sendo interessante que as tendências pedagógicas acompanhem esses diferentes momentos.

Juntamente com essas reflexões encontramos o termo “aprendizagem ativa”, que é o reconhecimento da necessidade de aprender conceitos, mas também colocando em prática o que foi aprendido. De acordo com o texto, a aprendizagem ativa “reconhece a necessidade de se envolver de forma cognitiva e emocional para cultivar o conhecimento, a capacidade de transformar o conhecimento em ação e a disposição para agir.” (UNESCO, p. 48, 2022)

Esse conceito de aprendizagem ativa me faz refletir sobre a importância de trazer para os estudantes verdadeiras experiências pedagógicas. Momentos em que eles “colocarão a mão na massa” e serão capazes de vivenciar o processo de aprendizagem de maneira significativa

e talvez mais interessante do que se ficassem apenas no campo do conceito, da informação falada.

O relatório é um documento extenso, com diversos tópicos a serem discutidos. É um convite a pensar e reimaginar caminhos. Ao longo do texto fica evidente a crença numa educação capaz de mudar rotas, transformar as pessoas e lugares. Entretanto, também é possível perceber que este campo sofre com obstáculos, sejam eles financeiros ou sociais. O importante é manter em mente a potência que a educação traz em si. De acordo com o que é explicitado no texto:

A educação cultiva a engenhosidade humana e nosso potencial de ação coletiva, todos eles essenciais para enfrentar os grandes desafios do nosso tempo. Assim, hoje, mais do que em qualquer outro momento da história humana, a construção de um mundo próspero, justo, sustentável e pacífico exige que todos os seres humanos, independentemente de suas origens, culturas e condições, participem de uma educação de qualidade ao longo de sua vida. (UNESCO, p. 134, 2022)

É interessante pensar sobre o papel que a educação ocupa no mundo. Um papel de tamanha importância, que é declarado de extrema necessidade que as pessoas participem ao longo de sua vida de um processo educacional, a fim de buscar um mundo mais pacífico, justo e respeitoso. Por outro lado, é sabido que o campo educacional também sofre com negligência e abandono por parte de governos, lideranças e até mesmo sociedade civil. Os autores do relatório chamam atenção para o fato da UNESCO, apesar de desempenhar um papel necessário no campo, sofrer com baixo financiamento. Isso causa impacto nas ações e iniciativas de forma significativa, demandando uma reinvenção na maneira de prosseguir com os projetos e ideias.

Apesar de todas as dificuldades e variáveis ao longo dos anos, a Agência mantém firme os objetivos e pensamentos a respeito da educação. A análise de relatórios nos mostra que apesar de não receber a nomenclatura exatamente igual (ECG), princípios e valores são afirmados e reafirmados a cada nova publicação realizada. No próximo capítulo irei aprofundar sobre o tema da educação para a cidadania global e será possível compreender as semelhanças entre os textos.

CAPÍTULO 2 - EDUCAÇÃO PARA A CIDADANIA GLOBAL

2.1. EDUCAÇÃO GLOBAL

Nos dias atuais muito se tem falado em uma “Educação Global”, capaz de formar cidadãos preparados para os desafios existentes e aqueles que estão por vir, ou seja, um almejado “cidadão global”.

O tema da educação global, apesar de muito mencionado, ainda é pouco definido no que se refere aos seus limites e possibilidades. Entretanto, muitos autores que estudam o tema concordam que ela é importante para que os habitantes do planeta Terra se conscientizem sobre suas responsabilidades com o local em que vivem e para a possibilidade de serem sujeitos ativos no combate aos problemas que afligem a população.

O Conselho da Europa, fundado em 1949, se constitui através de um grupo de países do continente que buscam a liberdade, defesa dos direitos humanos, proteção de minorias e igualdade entre as pessoas. Evidentemente o campo da educação atravessa esses ideais, sendo assim, diversos programas surgem dessa iniciativa.

Um dos programas criados foi o “Educação Global do Centro Norte-Sul do Conselho da Europa”, que contribui para o enriquecimento do debate sobre o tema da educação global e suas possibilidades. A Global Education Week - Semana da Educação Global - é um evento que ocorre anualmente, de onde diversas ideias relacionadas ao campo educacional surgem, sendo uma delas o “Guia Prático para a Educação Global - Um manual para a Educação Global”. Esse documento busca elucidar o tema da educação global, não sendo um limitador, mas uma fonte de debate, com autoria de diversas pessoas da área, inclusive com opiniões divergentes sobre o assunto.

A publicação internacional da Global Education Week Network traz um apanhado de informações sobre a educação global. O “Guia Prático para a Educação Global - Um manual para a Educação Global” é um documento que busca aumentar a compreensão sobre o tema e trazer exemplos para ilustrá-lo. Os autores, baseados na Declaração de Maastricht (2002), trazem a definição de educação global como:

uma educação capaz de abrir os olhos e as mentes das pessoas para as realidades do mundo, despertando-as para contribuírem para um mundo com mais justiça, equidade e direitos humanos para todos. Entende-se que a educação global abrange a Educação para o Desenvolvimento, a Educação para os Direitos Humanos, a Educação para a Sustentabilidade, a Educação

para a Paz e Prevenção de Conflitos e a Educação Intercultural, dimensões globais da Educação para a Cidadania (Global Education Week, 2010, p. 10).

Entender o conceito de educação global não é uma tarefa fácil, pois se trata de um termo “guarda-chuva para conceitos pedagógicos relacionados com as realidades do mundo de hoje” (Global Education Week, 2010, p. 20), ou seja, ele traz em si diversas definições e entre elas podemos citar a “Educação para Cidadania Global (ECG)”.

Em 2015 a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), elaborou um relatório a fim de definir a educação para cidadania global e trazer exemplos práticos para que educadores pudessem colocá-la em prática. Esse relatório contou com diversos colaboradores e se baseou em duas grandes reuniões organizadas pela UNESCO em 2013: a Consultoria Técnica sobre Educação para a Cidadania Global (Seul, setembro de 2013) e o Primeiro Fórum da UNESCO sobre Educação para a Cidadania Global (Bangkok, dezembro de 2013).

Tomando por base esse documento, é possível compreender os fundamentos da educação para cidadania global. De acordo com as informações reunidas no relatório, entende-se que a ECG tem por objetivo “construir sociedades mais justas, pacíficas, tolerantes e inclusivas” (UNESCO, 2015, p. 8). É através dela que os estudiosos do tema acreditam ser possível formar o cidadão global.

A ECG se encontra em diversos formatos e varia de acordo com o contexto em que é aplicada. Isso acontece pois ela “aplica uma abordagem multifacetada e utiliza conceitos, metodologias e teorias já implementadas em diferentes campos e temas, incluindo educação em direitos humanos, educação para a paz, educação para desenvolvimento sustentável e educação para o entendimento internacional.” (UNESCO, 2015 p. 9).

Ao ter acesso a estas informações sobre o tema da educação para a cidadania global, percebi a imensidão de possibilidades para debates sobre seu significado, quais conteúdos são englobados e também a variedade de práticas possíveis através de uma abordagem que preza o respeito, entendimento entre as pessoas, cuidado com o mundo em que vivemos e busca pela paz. Entretanto, essa abundância de elementos também causou uma sensação de desnortamento. Estamos tão acostumados com conceitos fechados e limites bem marcados que quando nos deparamos com uma visão mais livre sobre assuntos educacionais, acontece um estranhamento e até mesmo medo de desbravar caminhos desconhecidos.

A cada material que li sobre o tema da educação para a cidadania global, fui percebendo que tudo depende do enfoque que se deseja dar. Não precisamos abordar todos os conceitos que fazem parte dessa abordagem para trabalhar com ela, basta utilizar uma de suas muitas vias.

Apesar de à primeira vista parecer ser algo fora da realidade em que vivemos, diferente do que encontramos na área da educação, a ECG preza pelo desenvolvimento de habilidades cognitivas. Entretanto, também reconhece a importância de tratar de outros assuntos que possibilitam o desenvolvimento de habilidades comportamentais e socioemocionais. Não apenas isso, a ECG compreende que trabalhar essas questões é tão essencial quanto aprender linguagens e matemática, por exemplo.

Schultz e Elfert (2018) exemplificam as dimensões da ECG em um quadro reproduzido a seguir:

- **Quadro 1:** Dimensões da ECG

Cognitivo:
Adquirir conhecimento, entendimento e pensamento crítico sobre problemas globais, regionais, nacionais e locais e também a interconectividade e interdependência entre diferentes países e populações.
Socioemocional:
Senso de pertencimento a uma humanidade comum, compartilhar valores e responsabilidades, empatia, solidariedade e respeito pelas diferenças e diversidade.
Comportamental:
Agir de maneira efetiva e responsável a nível local, nacional e global a fim de um mundo mais pacífico e sustentável.

Fonte: Schultz, Elfert, 2018, p. 8.

Essas dimensões nos ajudam a entender de maneira mais objetiva o que se busca com uma educação para a cidadania global. Essa abordagem não é feita para se limitar aos muros das escolas, mas sim ultrapassar esses limites e alcançar todas as pessoas possíveis. Da mesma maneira que não se limita a um período de tempo específico, pelo contrário, como está explícito no relatório da UNESCO, é uma aprendizagem que perdura a vida inteira. Também é expresso que:

existe um entendimento comum de que cidadania global não implica uma situação legal. Refere-se mais a um sentimento de pertencer a uma comunidade mais ampla e à humanidade comum, bem como de promover um “olhar global”, que vincula o local ao global e o nacional ao internacional. Também é um modo de entender, agir e se relacionar com os outros e com o meio ambiente no espaço e no tempo, com base em valores universais, por meio do respeito à diversidade e ao pluralismo. Nesse contexto, a vida de cada indivíduo tem implicações em decisões cotidianas que conectam o global com o local, e vice-versa. (UNESCO, 2015, p. 14)

Esse sentimento de pertencimento a uma comunidade global vem ao encontro da ideia de que nossas atitudes no cotidiano possuem mais impacto do que imaginamos, atingindo até uma escala global, sendo assim, devemos estar mais atentos e conscientes para o que estamos buscando trazer de legado para as futuras gerações, mas não apenas isso. O que estamos buscando para nós mesmos, pois muitas ações possuem resultados a curto prazo. Que tipo de cidadãos estamos nos tornando nesse mundo? Será que existe alguma maneira de viver mais consciente e atenta ao nosso entorno? É o que discutiremos no próximo tópico.

2.2. O PERFIL DO CIDADÃO GLOBAL

O perfil do cidadão global, ou como também é conhecido cidadão do mundo, é o de um sujeito que busca solucionar os desafios existentes em seu meio. Ele possui um senso de responsabilidade com o local em que vive, tem pensamento crítico, é solidário, empático, criativo, comunicativo e capaz de lidar com os imprevistos. Muitas pessoas defendem que essas são as habilidades do século XXI, também chamadas de *Soft Skills*.

Apesar de serem muito cobradas nos dias atuais, principalmente no mundo do trabalho, essas habilidades não são aprendidas e/ou reforçadas de forma contínua no processo de escolarização regular. É neste contexto que a educação global pode contribuir para a formação de sujeitos dotados de habilidades socioemocionais (*soft skills*). O relatório desenvolvido pela UNESCO reconhece a importância de aprender habilidades cognitivas, mas também entende que a educação deve ir além disso e construir valores, atitudes e habilidades socioemocionais capazes de promover transformação social. (UNESCO, 2015)

Todo esse debate me faz pensar se somos educados para nos tornarmos pessoas conscientes sobre os problemas do mundo e nossa responsabilidade diante disso, se somos incentivados a sermos criativos, críticos e flexíveis para lidar com os imprevistos. A primeira resposta que me vem à cabeça é “em parte”. Acredito que abordamos sim esses aspectos em algum momento, mas não acho que seja enfatizado constantemente que temos um papel ativo

neste mundo. Também me questiono de que maneira seria possível trazer esses assuntos para a escola e trabalhar com os estudantes. Como graduanda em pedagogia me coloco no lugar dos professores que estão diariamente dando o seu melhor para criar momentos significativos para seus alunos dentro da sala de aula e imagino que a tarefa não é simples. Então, será que essa perspectiva da ECG seria uma ajuda, um caminho de possibilidades ou mais uma tarefa impossível e distante da realidade?

Apesar de, à primeira vista, a ECG não ser um tópico constante nas escolas brasileiras, muitos professores têm sua prática fundamentada em princípios preconizados pela ECG. É o que mostra uma pesquisa realizada com professores e alunos e o uso de tecnologias na educação. Santos, Schwanke e Machado (2017, p.143) afirmam que “as respostas tanto de docentes quanto de estudantes vão ao encontro do que a UNESCO preconiza na Educação para a cidadania global.” A partir dessa informação é possível inferir que talvez a ECG esteja mais presente no dia a dia dos brasileiros do que se imagina. No próximo capítulo serão discutidos alguns exemplos encontrados que se assemelham a uma educação para cidadania global. Talvez com esses exemplos apresentados possamos pensar algumas alternativas para que a ECG saia do papel e seja uma prática real.

2.3. CRÍTICAS À EDUCAÇÃO PARA CIDADANIA GLOBAL (ECG)

A ECG, como qualquer outro tema, não está livre de críticas. A começar pela sua própria definição, que não possui um consenso entre os estudiosos a respeito de seu significado, seus limites e intenções. Sendo assim, as opiniões contrárias variam de acordo com a compreensão de cada um a respeito do que seria uma educação para cidadania global.

O documento da UNESCO (2015) já aponta algumas tensões que a educação para cidadania global enfrenta, são elas:

- Solidariedade global x competição global: O impasse aqui é a dúvida a respeito do que a ECG deve fomentar. Seria a busca por resultados individuais, provendo os sujeitos de habilidades que o façam se destacar ou o empenho em trazer soluções para as questões coletivas?
- Identidade: Como trabalhar um sentimento de pertencimento global em locais onde a identidade nacional ainda é uma questão sensível?
- Locais não-receptivos: Alguns ambientes são hierárquicos e resistentes ao novo, eles podem perceber a ECG como uma ameaça, o que dificulta sua aplicação.

Além destas dificuldades apresentadas pela UNESCO, outros autores irão apontar outras perspectivas que se opõem à ECG e não facilitam sua implantação. Poziomyck e Guilherme (2022) expressam a possibilidade de se criar ainda mais desigualdades, uma vez que a ECG pode equipar determinados indivíduos que têm acesso a uma educação privilegiada com as habilidades globais e deixar outros menos abastados de fora.

Outro apontamento feito pelos autores que deve ser levado em consideração é que cada pessoa possui uma história e experiências que influenciam as atitudes tomadas. De acordo com Fischman e Haas, conforme expressado por Poziomyck e Guilherme (2022, p. 7) “a noção de cidadão global é romantizada e o cidadão é projetado como um sujeito cartesiano descarnado, ou seja, uma representação idealizada na qual se ignora a influência do aspecto emocional nas tomadas de decisão das pessoas enquanto atores políticos. “

Por fim, é importante pensar que cada contexto se apresenta de uma forma. Os “atores educacionais” vão agir de acordo com as possibilidades que se apresentam. É importante a compreensão de que, muitas vezes, as pessoas são impossibilitadas de atuar plenamente da forma como desejam por conta de um contexto que se mostra contrário. É o que evidenciam Estelles e Fischman (apud POZIOMYCK e GUILHERME, 2022, p. 8) ao relatarem que “noções romantizadas da ECG podem criar expectativas irreais sobre professores, atribuindo a eles eventual insucesso nas metas curriculares, negligenciando as dificuldades inerentes ao modelo proposto.”

As discordâncias referentes à ECG podem ser outras, tudo depende da forma como ela é compreendida. Entretanto, olhando pela perspectiva apresentada pela UNESCO, existe a possibilidade de trabalhar usando princípios de uma educação para cidadania global. O ponto importante é entender que nem sempre o que funciona em um local servirá para outro contexto. Também é fundamental não projetar expectativas irreais sobre estudantes e professores, caso contrário cria-se um ambiente insustentável, repleto de frustrações, e a ECG está em busca do cenário oposto.

Na minha perspectiva, apesar da ECG ser uma abordagem riquíssima em conteúdos e possibilidades, é preciso levar em conta suas tensões. O objetivo desses estudos é criar um mundo mais justo, pacífico e sustentável. Entretanto, se usada de maneira irresponsável, a educação para a cidadania global pode fazer o caminho oposto ao seu objetivo e criar mais desigualdade entre as pessoas,

A meu ver devemos estar atentos às críticas e buscar agir de maneira a que realmente possamos trazer vivências significativas para as crianças. Desse modo, algumas das tensões apontadas poderão ser evitadas.

2.4. QUAL O PAPEL DA ESCOLA NA CIDADANIA GLOBAL?

Ao entender o conceito de educação para cidadania global, o questionamento que surge é: como a escola pode contribuir nesse assunto? A resposta certamente não é simples, mas podemos buscá-la através da observação e pesquisa em materiais disponíveis em diversos ambientes, e assim, encontrar diferentes alternativas que foram adaptadas ao contexto desejado. Neste capítulo o objetivo é mostrar exemplos de ações e atividades, encontrados em buscas na internet, realizadas nas escolas que se relacionam com a educação para cidadania global. É importante enfatizar que os exemplos podem não ter sido pensados como parte de uma perspectiva de ECG, mas vão ao encontro de seus princípios.

O primeiro exemplo aqui trazido é o do menino Rhenan Cauê, que no ano de 2018, mobilizou sua comunidade para restaurar o córrego do Brejinho, localizado em Araguatins (TO). A ideia surgiu através de um projeto escolar, no qual o objetivo era falar sobre a água. Todos os estudantes idealizaram projetos sobre o tema, Rhenan que na época tinha apenas 12 anos de idade, decidiu revitalizar um córrego que para a comunidade de Araguatins tem um grande valor cultural.

O estudante buscou apoio de todos os habitantes da cidade, fez parcerias e realizou uma assembleia para apresentar sua ideia e a importância de cuidar do ambiente do córrego que é tão presente na vida da comunidade. A partir disso, um projeto escolar foi capaz de mobilizar toda a população e conscientizar as pessoas para a questão ambiental. Esse movimento concorda com o que é expresso no documento desenvolvido pela UNESCO:

A ECG promove uma aprendizagem que nutre maior consciência sobre questões da vida real e das circunstâncias que as cercam. Oferece, ainda, uma maneira de fazer mudanças no âmbito local que podem influenciar o âmbito global por meio de estratégias e métodos participativos. (UNESCO, 2015, p. 21)

A lição que se tira disso é que a escola tem um potencial enorme para atuar e influenciar a comunidade ao redor. Os jovens possuem ideias incríveis que devem ser valorizadas e incentivadas, e um dos meios de fazer isso acontecer é através da educação. Outro ponto importante para se destacar nesse caso, é o protagonismo desempenhado pelos estudantes, um dos princípios defendidos pela educação para a cidadania global. Práticas que

preconizam essa maneira de aprender ajudam os estudantes a adquirirem autonomia e devem ser introduzidas na rotina escolar.

Uma outra experiência onde é possível observar valores da educação para cidadania global, é no projeto da escola Âncora, em Cotia (SP). O canal “Sesi” no youtube possui uma série de vídeos chamada “Destino Educação: Escolas Inovadoras”, no qual é possível conhecer diversas propostas pedagógicas espalhadas pelo mundo. O primeiro vídeo desta série é dedicado à escola pública Âncora e nele podemos perceber e entender como se deu o surgimento desse projeto tão diferente da escola tradicional.

Inicialmente, o projeto Âncora atuava como uma espécie de complemento, sendo realizada no contraturno das escolas. Entretanto, pela divergência de ideias, manifestou-se a vontade de tornar aquilo algo permanente, dentro das leis educacionais, fazendo com que os estudantes estivessem totalmente disponíveis para as atividades que ali aconteciam. Desta forma, o que era um projeto que complementava as horas dos alunos se tornou uma escola.

O projeto Âncora se diferencia de outras escolas em vários aspectos. No entanto, o que mais chama a atenção é a forma com que eles prezam pela autonomia dos estudantes. No vídeo é possível perceber que os alunos aprendem na prática a gerir o próprio tempo, através de cadernos de planejamento e roteiro de estudos. Outro ponto muito interessante é a possibilidade de estudar os assuntos de interesse, sempre com o direcionamento dos tutores presentes na escola.

As pessoas que atuam no projeto defendem que é preciso aprender a conviver com o outro, entender e respeitar os espaços coletivos. Isso fica muito evidente durante todo o vídeo através dos relatos dos estudantes e também das atividades que são mostradas. Outra questão fundamental levantada por um dos tutores é a necessidade de levar os aprendizados que acontecem na escola para a comunidade, mais uma vez mostrando que a escola tem um papel extremamente relevante na vizinhança em que se encontra.

Ao longo de todo o vídeo é possível localizar aspectos de uma educação para a cidadania global. Seja pela valorização da autonomia dos estudantes, do autoconhecimento, do respeito ou da solidariedade como é mostrado pelos participantes da filmagem. Isso fortalece a ideia de que a ECG aparece de formas diferentes nas escolas. Cada contexto vai trazer sua peculiaridade, sendo importante buscar maneiras de apreciá-las.

2.5. UM EXEMPLO PESSOAL

No ano de 2012 ocorreu no Rio de Janeiro a conferência Rio+20 que, de acordo com o site da prefeitura do Rio, tinha por objetivo “a renovação do compromisso político com o desenvolvimento sustentável, por meio da avaliação do progresso e das lacunas na implementação das decisões adotadas pelas principais cúpulas sobre o assunto e do tratamento de temas novos e emergentes.”

A partir da iminência do evento, debates sobre o tema sustentabilidade ficaram em alta e diversos projetos surgiram com o objetivo de aproveitar um tema tão importante que estava em evidência. O projeto “Heróis do futuro”, criado pelo sistema FIRJAN / SESI, foi um desses. Basicamente, eles levavam para as escolas um filme que tratava dos assuntos que seriam debatidos na conferência e também divulgavam o site oficial do projeto, no qual era possível encontrar outras informações e jogar o jogo desenvolvido por eles que tratava de temas chave para a sustentabilidade. Este último fazia parte de um concurso promovido pelo projeto.

Nesse período, eu estava no 7º ano do ensino fundamental, e minha escola aderiu ao projeto. Tivemos o momento de apresentação e também ficamos sabendo sobre o concurso que seria realizado. Vários grupos de estudantes se juntaram para participar e eu também me juntei com meus colegas de classe a fim de participarmos. No final de tudo não ganhamos o concurso, mas tivemos a chance de estar em contato com o debate sobre sustentabilidade e também recebemos como “brinde” pela participação um passeio para o local onde a conferência seria realizada.

Trouxe este exemplo para mostrar que a forma com que os assuntos relacionados à educação para cidadania global é tratada não é igual para todos. Ela depende de diversos fatores, mas devemos estar atentos para as oportunidades que surgem pelo caminho e aproveitar cada uma delas. Apenas o fato de estudantes poderem entrar em contato com esses temas já é um passo importante. A abertura da escola para a promoção deste projeto foi fundamental para que pudéssemos ter acesso a esse conteúdo.

A seguir compartilho algumas fotografias tiradas durante o passeio que recebemos por conta da participação no projeto.



Foto 1: Bandeiras - arquivo pessoal



Foto 2: Representação das pessoas - arquivo pessoal



Foto 3: Palavras - arquivo pessoal

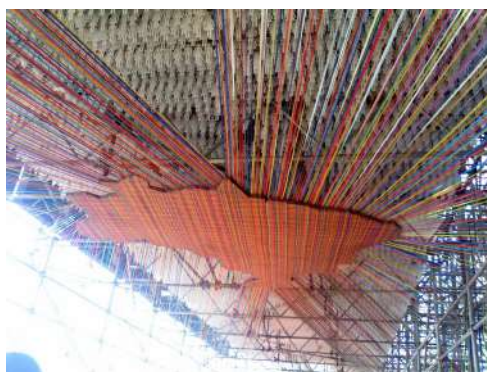


Foto 4: Brasil - arquivo pessoal

Ao olharmos para as práticas educacionais à nossa volta, na intenção de encontrar a ECG, devemos estar atentos, pois ela não aparece de maneira “mirabolante” ou totalmente fora da realidade. Como já foi falado, ela se adapta aos diferentes contextos e, muitas vezes, práticas que não tinham a ECG em vista acabam convergindo para os mesmos objetivos que uma educação para a cidadania global preconiza, tendo em vista que ela:

não é uma matéria isolada, e sim um processo de aprendizagem que enfoca não apenas o que os estudantes aprendem, mas como aprendem – sobre si mesmos e outros, a fazer coisas e interagir socialmente –, estimulando papéis ativos e participativos. (UNESCO, 2015, p. 18)

Considero a escola um lugar de encontros, sobretudo um lugar de experiências, onde é possível viver aquilo que para muitos não seria possível de outra maneira. Jorge Larrosa (2002) afirma que a experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Sendo assim, acredito que as práticas escolares devam buscar trazer algo significativo para os

estudantes, algo que não será apenas uma atividade comum, mas sim que os tocará fazendo com que a verdadeira experiência que Larrosa explicou aconteça.

É importante refletir sobre essa questão, pois às vezes ela passa despercebida pelos educadores por conta da rotina intensa de uma escola. No entanto, devemos sempre ter em mente que a escola abre portas para as pessoas, possibilita memórias e experiências que, talvez, reverberam para toda uma família. Pensar sobre isso me faz querer buscar cada dia mais uma prática que seja verdadeiramente significativa para os estudantes.

CAPÍTULO 3 - EDUCAÇÃO PARA A CIDADANIA GLOBAL NA ESCOLA

3.1. ELABORAÇÃO DO QUESTIONÁRIO

No próximo item serão compartilhadas as respostas ao questionário enviado a educadores de algumas escolas brasileiras. Mas primeiramente apresentarei aspectos sobre como as perguntas foram pensadas de maneira a compreender o quanto o tema da educação para cidadania global é conhecido entre pessoas que atuam diretamente na área da educação, e também se em suas práticas os educadores buscam trazer para os estudantes assuntos que se relacionam diretamente com a ECG.

O questionário enviado aos educadores foi elaborado a partir das leituras sobre o tema da educação para a cidadania global. A ideia de que este pode ser um termo pouco conhecido foi levada em consideração, sendo assim as perguntas foram feitas de maneira que uma pessoa que não conhece o tema pudesse responder e falar sobre sua prática no lugar em que atua.

A amostra do questionário é aleatória, tendo em vista que a intenção foi explorar o tema e saber se ele era de conhecimento dos educadores. Por conta disso, não se trata de uma amostra representativa, mas sim exploratória. O questionário foi totalmente anônimo e chegou aos respondentes por indicação de pessoas que atuam na área da educação.

Ao fazer uma imersão neste assunto foi percebido que existem práticas e propostas pedagógicas que não são intencionalmente parte de uma ECG, mas ainda assim vão ao encontro dessa perspectiva, o que foi levado em consideração nas perguntas elaboradas, a fim de perceber se/como as vivências e experiências relatadas estão trilhando esse caminho.

3.2. ANÁLISE DAS RESPOSTAS AO QUESTIONÁRIO

A primeira seção do questionário visou entender um pouco sobre as pessoas que responderam as perguntas. Sendo assim, foi questionado em qual segmento atua, se a instituição em que trabalha é pública ou privada, em que região se localiza e qual a área de atuação (português, ciências, matemática, etc).

O questionário recebeu 16 respostas ao todo. Os resultados mostraram que os educadores participantes são de vários segmentos. De acordo com as respostas oferecidas, ensino fundamental I (56,3%), ensino fundamental II (6,3%), educação infantil (31,4%) e formação de professores e educação infantil (6,3%).

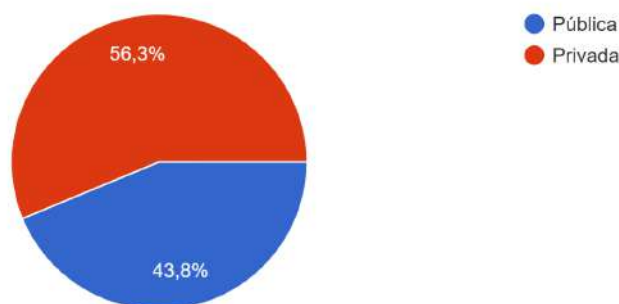
Esse perfil de participantes foi importante para se ter uma visão das práticas e noções de educadores pertencentes a várias fases da educação básica. A ECG, como falado anteriormente, abrange toda a vida e perceber se ela está presente desde a educação infantil até o ensino médio nos traz mais elucidação para o assunto. Inicialmente a intenção era saber apenas sobre o ensino fundamental, mas com o alcance que o questionário teve, minhas perspectivas mudaram e pude ver a importância de saber sobre a primeira infância também.

Outro ponto importante foi saber se as instituições eram públicas ou privadas. O gráfico a seguir mostra o perfil das respostas.

- **Gráfico 1:** Instituição em que trabalha.

A instituição em que trabalha é:

16 respostas

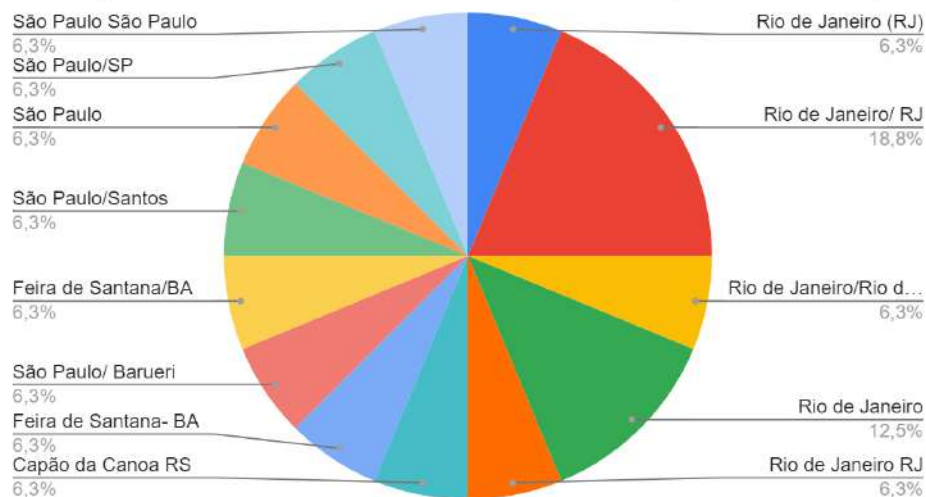


Essa informação era necessária, pois queria entender se a ECG, ou práticas condizentes com esta abordagem, eram restritas a um público específico ou não. A partir da análise das respostas individuais foi percebido que tanto em instituições públicas quanto privadas existe a discussão sobre estes assuntos relacionados a uma educação global. Sendo assim, é possível dizer que ele não está localizado em apenas um lugar.

Os participantes do questionário são de diferentes regiões do Brasil. Isso trouxe uma riqueza de perspectiva, pois foi possível analisar se havia muitas divergências entre regiões ou se os discursos dos educadores a respeito do tema eram parecidos. O gráfico a seguir mostra essa informação:

- **Gráfico 2:** Contagem de onde se localiza a instituição.

Contagem de Onde se localiza a instituição? (estado/cidade)



Era importante saber a área de atuação dos educadores, visto que a ECG não se limita a uma matéria específica, então buscou-se entender se as diferentes disciplinas ou práticas educacionais estavam de acordo com uma educação para cidadania global ou se ela estava concentrada em uma área de conhecimento específica. As respostas ao questionário mostraram perfis de educadores nas mais variadas esferas.

- **Gráfico 3:** Contagem de área de atuação.



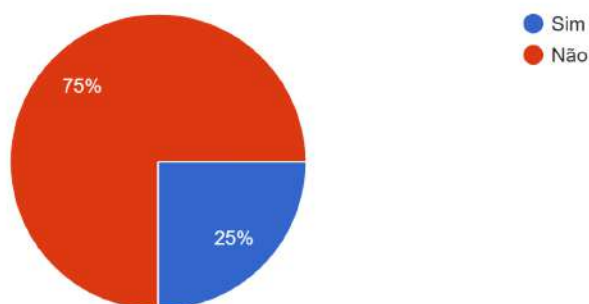
O perfil de participantes foi diversificado, o que ajudou a perceber como está o tratamento de temas globais nas diferentes etapas da escolaridade, em diferentes regiões e também saber se esses assuntos estavam restritos a um público específico ou não. É evidente que se trata de uma pequena quantidade de educadores entrevistados, mas pudemos ter uma ideia sobre como anda a discussão desses conteúdos nas escolas.

A segunda seção do questionário foi pensada a fim de tentar compreender o conhecimento dos educadores a respeito dos materiais proporcionados pela UNESCO, a ECG e assuntos que se relacionam diretamente com a educação para a cidadania global. Desta maneira, foi perguntado “alguma vez tomou conhecimento sobre o documento “educação para cidadania global” produzido pela UNESCO?”, ao que foi respondido:

- **Gráfico 4:** Contagem de alguma vez tomou conhecimento do documento “educação para cidadania global” produzido pela UNESCO?

Alguma vez tomou conhecimento do documento "educação para cidadania global" produzido pela UNESCO?

16 respostas



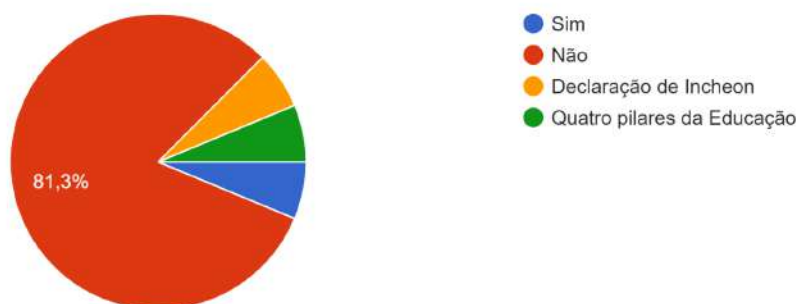
Ao fazer esse questionamento, eu imaginava que todos iriam dizer que “não conheciam”, por conta da ECG ser um tópico pouco falado, então ter respostas positivas foi algo surpreendente. Entretanto, a maioria dos educadores entrevistados (75%) ainda não conhece esse relatório.

A segunda pergunta desta seção foi feita na intenção de saber qual era o contato dos educadores com as produções da UNESCO, desta maneira, foi questionado se eles conheciam algum outro documento produzido pela Agência sobre a educação, em caso de resposta afirmativa apontar qual documento. O gráfico a seguir mostra as respostas:

- **Gráfico 5:** Contagem de conhece algum outro documento ou relatório sobre educação publicado pela UNESCO?

Conhece algum outro documento ou relatório sobre educação publicado pela UNESCO? Se sim, qual? (Utilize a opção outra para indicar o documento)

16 respostas



Como é possível analisar, a partir das respostas percebe-se que os documentos da UNESCO, que é uma das instituições mais importantes da área da educação, são pouco divulgados entre quem realmente importa conhecer, ou seja, os educadores que estão à frente das práticas educacionais e em contato direto com o público interessado.

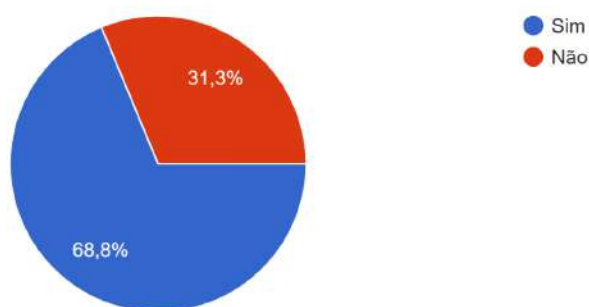
Apesar de pouco conhecido entre os professores, duas pessoas apontaram dois relatórios da Agência que tinham conhecimento, um deles inclusive foi citado neste trabalho. Um outro entrevistado apenas disse conhecer, mas não declarou de qual documento se tratava. Isso traz um pouco de esperança de que de alguma maneira, aos poucos, essas produções chegam ao chão da escola e os estudantes podem ter contato com temas necessários em suas trajetórias escolares.

Com o intuito de saber se as práticas dos educadores, de alguma maneira, se assemelhavam a uma educação para a cidadania global, foi perguntado se eles discutiam temas globais atuais, como conflitos internacionais, migrações e questões sobre emergência climática nas aulas. Em caso de resposta “sim”, de que maneira isso era abordado.

- **Gráfico 6:** Contagem de costuma trabalhar com os alunos temas globais atuais?

Costuma trabalhar com os alunos temas globais atuais, como conflitos internacionais, migrações e questões sobre emergência climática nas aulas?

16 respostas



Esses resultados mostraram que temas relacionados à educação para cidadania global estão presentes nas práticas de alguns educadores, neste caso, da maioria que respondeu à pesquisa. Entretanto, foi possível observar que nem todos os participantes tratam desses temas em suas aulas.

Aos que responderam “sim” foi perguntado de que maneira eles trabalham esses conteúdos. As respostas foram organizadas num quadro reproduzido a seguir:

- **Quadro 2:** De que maneira trabalham os temas.

De que maneira trabalham os temas?
“Debates e conscientização dos reflexos na nossa sociedade”
“Em aulas de ciências e geografia”
“Quando a turma traz algum tipo de questionamento”
“Abordo pela via da inclusão, da nossa necessidade primária de pertencimento”
“Notícias de jornal”
“Com textos ou filmes”

“Educação Infantil - realizamos algumas práticas ecológicas.”
“Através de rodas de conversa, exibição de vídeos, leitura de reportagens, etc.”
“Cuidado e respeito pela natureza”
“Contextualizando historicamente.”
“Notícias e conscientização em práticas diárias, como economia de água para higienização, consumo consciente de materiais.”
“Rodas de conversa”

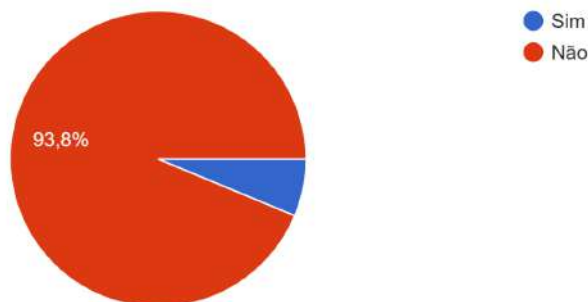
As respostas oferecidas mostram que os mesmos conteúdos possuem diferentes maneiras de serem abordados. Deve-se levar em conta que os diferentes segmentos pedem diferentes maneiras de tratar os assuntos. Para compreender de forma plena como essas práticas acontecem seria necessária uma descrição mais minuciosa, no entanto, o que foi fornecido de informação nos mostra que os materiais utilizados são diversos. É possível inferir que cada educador utiliza os recursos que estão ao seu alcance e buscam adequá-los à realidade vivida. É nesse contexto que a utilização de relatórios da UNESCO traria uma riqueza de ideias e elementos para tratar essas temáticas, visto que a Agência foca seus esforços em pesquisas nessas áreas. É de se questionar porque esses materiais não chegam aos educadores. Será que falta divulgação? Será que a linguagem não é compreensível para todos?

Foi perguntado se algum material da UNESCO sobre a cidadania global era utilizado nas aulas. O gráfico a seguir mostra as respostas.

- **Gráfico 7:** Contagem de utiliza para as suas aulas algum documento ou material da UNESCO sobre cidadania global?

Utiliza para as suas aulas algum documento ou material da UNESCO sobre cidadania global?

16 respostas



Ao perguntar isso já imaginava que a maioria das respostas seriam essas, entretanto foi surpreendente ver que uma das respostas foi positiva para o uso do material. Talvez essa surpresa seja por conta da minha imersão no tema para escrever esta monografia. Ao fazê-lo pude perceber que se trata de uma temática mais próxima da realidade do que eu pensava antes de começar a escrever. Novamente me questiono se, talvez, a divulgação dos materiais produzidos pela UNESCO está sendo realizada de maneira eficaz ou não. O fato é que existem documentos que poderiam ajudar e servir de apoio no tratamento desses assuntos que não estão sendo aproveitados.

Outro ponto importante para frisar é que apesar de 25% dos entrevistados afirmarem que conhecem o documento sobre educação para cidadania global, apenas 6,3% o utilizam em suas aulas. Ou seja, não basta conhecer o material, é preciso que ele inspire práticas e atitudes dos educadores com as produções fornecidas pela UNESCO.

A fim de compreender se outros conteúdos que estão relacionados à ECG fazem parte das práticas dos educadores, foi perguntado se eles costumam trabalhar o desenvolvimento da autoestima, pensamento crítico e criatividade dos estudantes. Em caso de resposta positiva, de que forma isso se dava. De todas as respostas, apenas duas pessoas disseram que “não” trabalhavam esses conteúdos. Das que responderam “sim”, apenas 8 descreveram como realizavam essas atividades. Para melhor compreensão as respostas foram organizadas em um quadro reproduzido a seguir:

- **Quadro 3:** Como trabalham desenvolvimento da autoestima, pensamento crítico e criatividade dos estudantes.

Como trabalham desenvolvimento da autoestima, pensamento crítico e criatividade dos estudantes:
“Rodas de debate, atividades que envolvam a participação mais ativa da turma e que estimule o pensamento crítico. Criar situações problema e pedir para que os alunos resolva-o.”
“Debatendo as situações, quando ocorrem, de forma a pensar criticamente as atitudes.”
“Auto reflexão, observação”
“Desenvolvo um trabalho semanal com turmas onde conversamos sobre as nossas diferentes formas de ser e estar no mundo. Há um momento de leitura literária, criação e brincadeira.”
“Proporcionando momentos de diálogos na rotina escolar”
“Trabalho com bebês e crianças bem pequenas e através dos vínculos e propostas com diversos materiais é possível trabalhar a autoestima e criatividade.”
“Valorizando a produção deles, propondo que façam diferente do que já viram. Possibilitando que não sejam mais do mesmo”
“Cultivando convívio que proporcione atitudes empáticas entre todos, questionando as crianças a refletirem sobre suas ações e organizando o ambiente escolar de modo que tenham autonomia para decidirem com o que se identificam fazer.”

Essas respostas são interessantes, pois é possível observar que cada educador encontra a sua maneira de trazer esses conteúdos para os estudantes. É interessante notar que não existe uma regra de qual caminho seguir. Cada contexto produz a sua maneira de trabalhar essas questões.

Chamou a minha atenção a resposta sobre o trabalho com bebês. Muitas pessoas não percebem que a educação infantil é uma etapa importantíssima com diversas possibilidades de atividades. O trabalho com os bebês muitas vezes é reduzido ao cuidado, feito de forma automática, sem respeitar as crianças como pessoas. Acho incrível o olhar atento que a resposta ao questionário demonstra. Os bebês merecem e são capazes de apreciar esse tipo de proposta. Isso também nos mostra que a ECG pode estar presente neste segmento, basta pensar em propostas que se adequem a essa etapa da vida.

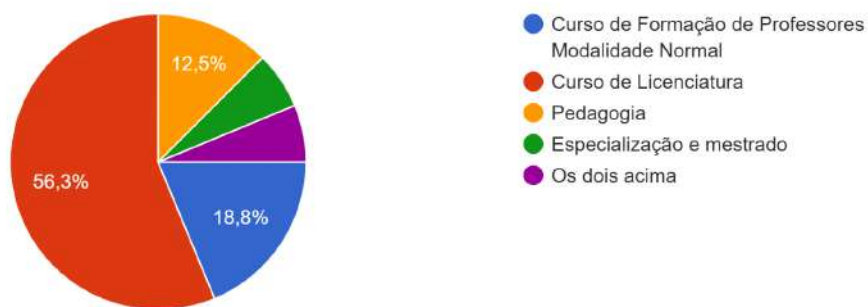
Chamar os estudantes para o diálogo, debater situações e incentivar a autonomia são outras das respostas oferecidas. Isso demonstra atitude de educadores que estão dispostos a tornar a escola um ambiente verdadeiramente acolhedor para os estudantes, mas também um lugar de crescimento, de conhecer outras maneiras de ser, de entrar em contato com outras perspectivas e respeitar as diferenças.

Além de todas as informações fornecidas, algo que também despertou a minha atenção foi a frase “cultivando o convívio que proporcione atitudes empáticas para todos”. Vivemos em um mundo que é atingido o tempo todo por situações de conflitos, violências, guerras e desavenças. É de se esperar que cultivar a empatia nas pessoas contribuirá para que os caminhos para a paz sejam sempre a primeira escolha. A escola também é o ambiente para se trabalhar esses assuntos, e ver que já existem profissionais visando isso nos traz esperança.

Na terceira seção do questionário, houve uma tentativa de compreender a percepção dos educadores sobre suas respectivas formações e o preparo para trabalhar os assuntos relacionados à ECG na escola. Portanto, foi questionado qual tipo de formação o educador tinha (curso de licenciatura, curso normal ou outro).

- **Gráfico 8:** Contagem de você frequentou.

Você frequentou
16 respostas



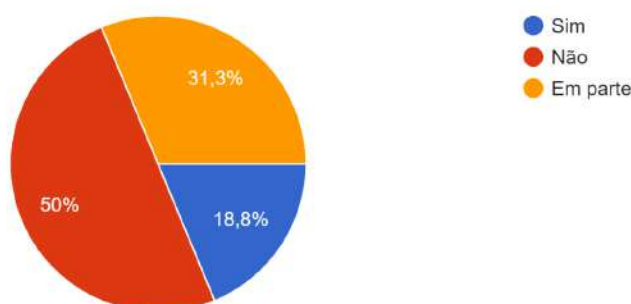
Através do gráfico é possível analisar que 56,3% frequentou Curso de Licenciatura, 18,8% frequentou Curso de Formação de Professores Modalidade Normal, 6,3% frequentou Curso de Licenciatura e Curso Normal, 6,3% frequentou Especialização e Mestrado e 12,5% frequentou especificamente o Curso de Pedagogia. Esse é o perfil de formação das pessoas que responderam ao questionário.

A segunda pergunta desta seção foi se o educador teve contato com conteúdos que o prepararam para abordar temas globais, como sustentabilidade e educação para a paz. O gráfico a seguir mostra os resultados.

- **Gráfico 9:** Contagem de contato com o conteúdo.

No seu curso de formação teve contato com conteúdos que o/a prepararam para abordar assuntos globais, questões de sustentabilidade e educação para paz?

16 respostas



Os resultados mostram que a situação é equilibrada, pois apesar de 31,3% dizer que o preparo foi “em parte”, isso significa que algum contato com esses conteúdos existiu durante a formação. Isso me faz pensar que se trata de um assunto a avançar em debates e diálogos durante as formações dos profissionais da educação. Acredito que as pessoas devam buscar individualmente, mas também é necessário que os cursos chamem atenção para a importância desses conteúdos.

Ademais, foi perguntado se o educador considera que a formação o preparou para abordar essas questões. O quadro a seguir mostra quais foram as respostas oferecidas:

- **Quadro 4:** Acredita que a sua formação o preparou para abordar essas questões?

Acredita que a sua formação o/a preparou para abordar essas questões?
“Não” (2x)
“Sinceramente, não. Na Escola Normal, não fiquei até o 3º ano do E.M, mas quando estudei os 2º primeiros anos, percebi que não tive essas abordagens. Assim como, não me sinto preparada para abordar tais questões. Sinto que é necessário estudar mais sobre e fazer com que a turma tenha a consciência de que abordar isto é importante para a conscientização da sociedade.”

“Fiz o curso há muito tempo, acredito que os cursos estão mais atualizados e mais preparados para as necessidades atuais.”
“Não, mas meu interesse faz com que aborde.”
“Questões de sustentabilidade, sim, na disciplina Educação Ambiental. Contudo, educação para paz, não.”
“Não. Busquei entender sobre o tema .”
“A prática e a adequação aos grupos sempre são desafiantes.”
“Não, minha formação deixou diversas lacunas as quais precisei buscar outros meios após a formação para aperfeiçoamento.”
“Não, minha formação deixou diversas lacunas as quais precisei buscar outros meios após a formação para aperfeiçoamento.”
“Um pouco. Poderia ser melhor abordado e esmiuçado”
“A formação para Educadores no Brasil, infelizmente é muito deficiente. Procuo me atualizar com cursos , Pós e outras formações para reverberar em um trabalho melhor para as crianças, pois a minha formação não me preparou para esse trabalho, principalmente pra atuar na primeiríssima infância.”
“Não; encontro essa abordagem em cursos de formação continuada.”

Por meio da leitura dessas respostas, pude perceber que a maioria não sente que a formação os preparou para abordar essas questões. Muitos deles inclusive falam sobre a necessidade de buscar por conta própria após o curso. A formação continuada se mostra aqui um caminho para o aperfeiçoamento. É importante levar em consideração que os tempos mudam e com ele a necessidade de se abordar diferentes assuntos nos cursos. Por outro lado, pelo que foi debatido ao longo deste texto, foi possível notar que a UNESCO já aborda e chama atenção para esses conteúdos há anos.

Por fim, foi deixado um espaço para os entrevistados tecerem comentários, caso quisessem. Algumas pessoas deixaram suas considerações, que estão expostas no quadro a seguir:

- **Quadro 5:** Comentários dos entrevistados.

Comentários dos entrevistados:
“Este tema é interessante, mas pouco abordado nas escolas e até mesmo dentro das universidades.”
“Tenho buscado apoio teórico na Pedagogia Sistemica.”

“Acredito que os cursos de Pedagogia precisem preparar melhor os futuros educadores, afinal somente com uma educação de qualidade poderemos mudar o cenário de nosso país.”

Trazer esse questionário foi uma forma de buscar na realidade brasileira, ainda que numa realidade “micro”, exemplos e ideias de atividades possíveis em nosso contexto, com o intuito de enriquecer a bagagem de quem busca uma prática nessa perspectiva. Os resultados nos trouxeram não apenas isso, mas também a visão de quem está atuando diretamente na escola sobre o que acham desse assunto.

Foi possível observar que todos os participantes da pesquisa não exercem intencionalmente uma educação para a cidadania global. Entretanto, ao serem questionados sobre temas específicos, preconizados pela ECG, notou-se que eles estão presentes nas práticas de vários educadores. Os relatórios da UNESCO são ótimos materiais para apoiar a abordagem desses temas nas escolas. Fica o questionamento do porquê dessas produções sejam tão pouco utilizadas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste trabalho foram tratados diversos aspectos de uma educação para cidadania global, no entanto sem esgotar as possibilidades de debate. É evidente que este tema pode ser compreendido de formas variadas a depender do ponto de vista adotado para análise. Durante o texto tivemos por base a perspectiva trazida pela UNESCO, mas também pudemos observar outros autores e suas maneiras de entender a ECG.

Ao pesquisar este tema, o tempo inteiro me questionava se esse conhecimento tão rico que é a ECG, estava chegando nas escolas. Também me questionava se, pelo menos, os professores e educadores tinham a mínima noção da existência dele. Criava hipóteses, como por exemplo, alguns poderiam conhecer e tentar aplicar a ECG no dia a dia, outros poderiam não ter o mínimo conhecimento sobre o tema, mas traziam em sua prática valores intrínsecos da educação para a cidadania global. Ao fazer essas reflexões, tentava lembrar da minha época como estudante, refletia sobre as diversas práticas escolares que tive contato e tentava comparar com o material lido para a pesquisa. Fiz diversas conexões com o tema, identifiquei algumas práticas com as quais tive contato que lembram a ECG, uma inclusive foi descrita no presente trabalho.

Através da análise de variados materiais, foi possível traçar o perfil de um cidadão global. Sendo este um sujeito cuja preocupação está em garantir e assegurar os direitos humanos, cuidar do meio ambiente, buscar caminhos para uma convivência pacífica entre as pessoas, ser proativo, buscar soluções criativas para os problemas vigentes, entre outras características.

Outro ponto discutido durante o texto foi como/se a educação para a cidadania global aparece nas escolas brasileiras. Por meio dos materiais analisados foi possível perceber que atitudes e práticas que são preconizadas pela ECG estão presentes nas escolas, ainda que não a tenham como objetivo, há uma convergência de valores.

Através do questionário aplicado, houve uma tentativa de compreender se os educadores conhecem a ECG, se os assuntos que a ela se relacionam estão presentes nas práticas educacionais e se eles consideram que suas respectivas formações os prepararam para abordar esses assuntos. As respostas oferecidas nos mostraram que muitos não conhecem o tema da educação para cidadania global, apesar disso suas práticas estão de acordo com tudo aquilo que uma ECG preza como importante. Foi possível perceber que muitos acreditam que a formação não os preparou para falar sobre esses conteúdos, sendo necessária a realização de uma busca após a formação para tratar desses assuntos.

O presente trabalho procurou responder alguns questionamentos acerca do tema da educação para a cidadania global. Essa busca trouxe elucidação, mas também novas perguntas. Por se tratar de um assunto que agrega diversas faces e perspectivas, sua discussão não se esgota. O que fica para reflexão é: as produções da UNESCO estão chegando a quem realmente interessa? O quanto nossa prática tem encorajado as pessoas a ousarem serem sujeitos criativos, confiantes e ativos na busca por um mundo melhor, ou seja, verdadeiros cidadãos globais?

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASHOKA Brasil. #JovensTransformadores - Rhenan Cauê - Projeto de revitalização do Córrego Brejinho (TO). YouTube, 19 ago de 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=O14O__yVWg>. Acesso em: 06 dez de 2022.

AVENDANO CASTRO, William Rodrigo; GUACANEME PINEDA, Ramón Eduardo. Educación y globalización: una visión crítica. **Civilizar**, Bogotá , v. 16, n. 30, p. 191-206, Jan. 2016 . Available from<http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1657-89532016000100014&lng=en&nrm=iso>. access on 25 June 2023.

CARVALHO, E. J. G. Reflexões sobre a importância dos estudos de educação comparada na atualidade. Revista HISTEDBR On-line, Campinas, SP, v. 13, n. 52, p. 416–435, 2013. DOI: 10.20396/rho.v13i52.8640251. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/histedbr/article/view/8640251>. Acesso em: 8 abr. 2023.

DALE, R.. Globalização e educação: demonstrando a existência de uma "Cultura Educacional Mundial Comum" ou localizando uma "Agenda Globalmente Estruturada para a Educação"? *Educação & Sociedade*, v. 25, n. 87, p. 423–460, maio 2004.

DELORS, J. et al. Educação: um tesouro a descobrir: relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2010.

DOS SANTOS, P. K.; SCHWANKE, C.; WEBER MACHADO, K. G. **Tecnologias digitais na educação: possibilidades para o desenvolvimento da educação para a cidadania global**. *Educação Por Escrito*, [S. l.], v. 8, n. 1, p. 129–145, 2017. DOI: 10.15448/2179-8435.2017.1.27674. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/index.php/poescrito/article/view/27674>. Acesso em: 4 nov. 2022.

ECOZINHO: firjan e sesi lançam game heróis do futuro. Ecozinho, 2012. Disponível em: <<http://colunadosardinhaecologia.blogspot.com/2012/05/firjan-e-sesi-lancam-game-herois-do.html>>. Acesso em: 07 dez de 2022.

FERNANDES, Ana Lúcia Cunha. Da educação comparada: novas abordagens e perspectivas teórico-metodológicas. In: SIQUELLI, Sônia Aparecida; SANFELICE, José Luís; ALMEIDA, Luana Costa. (Organizadores). *Fundamentos da Educação: compreensões e contribuições*. Uberlândia: Navegando Publicações, 2017.

GLOBAL EDUCATION WEEK NETWORK. **Guia prático para educação global: um manual para compreender e implementar a educação global**. Lisboa: Centro norte-sul do conselho da Europa, 2010.

GLOBOPLAY. Especial Inspiração: conheça Rhenan Cauê. Globoplay, 13 fev 2021. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/9262070/>>. Acesso em: 06 dez de 2022.

HALL, Stuart A identidade cultural na pós-modernidade Stuart Hall; tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro-11. ed. -Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

LARROSA BONDÍA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. Revista Brasileira de Educação, n. 19, p. 20–28, jan. 2002.

MARCONI, M. A; LAKATOS, E. M. Fundamentos da Metodologia Científica. São Paulo: Editora Atlas, 2003.

POZIOMYCK, A.; GUILHERME, A. A. Educação para Cidadania Global: Críticas e Desafios. Revista Contexto & Educação, [S. l.], v. 37, n. 118, p. e12576, 2022. DOI: 10.21527/2179-1309.2022.118.12576. Disponível em: <https://revistas.unijui.edu.br/index.php/contextoeducacao/article/view/12576>. Acesso em: 3 fev. 2023.

SESI. Destino Educação: Escolas Inovadoras | Episódio 01 - Projeto Âncora. Youtube, 02 Set de 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=8DscI6PXygo&list=PL4_wpZsopCJLg4bjObyYSiSnY-IMNSI5d&index=2>. Acesso em: 09 dez de 2022.

SHULTZ, Lynette; ELFERT, Maren. “Global Citizenship Education in ASPnet Schools: An Ethical Framework for Action”, the Canadian Commission for UNESCO’s IdeaLab, October 2018.

SOBRE a Rio+20. Rio+20, 2011. Disponível em: <http://www.rio20.gov.br/sobre_a_rio_mais_20.html>. Acesso em: 07 dez de 2022.

UNESCO. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/enceja-2/480-gabinete-do-ministro-1578890832/assessoria-internacional-1377578466/20747-unesco#:~:text=A%20Organiza%C3%A7%C3%A3o%20das%20Na%C3%A7%C3%B5es%20Unidas>>. Acesso em: 07 dez de 2022.

UNESCO. **Educação para a cidadania global: preparando alunos para os desafios do século XXI**. Brasília: UNESCO, 2015.

UNESCO. **Reimaginar nossos futuros juntos: um novo contrato social para a educação**. Brasília: UNESCO, 2022.